



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-UFPR

ÁUREA APARECIDA DEL PADRE BIUSO

**A QUESTÃO DA DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM
RECONHECIMENTO DE QUE SOMOS DIFERENTES**

**JACAREZINHO
2011**



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



ÁUREA APARECIDA DEL PADRE BIUSO

A QUESTÃO DA DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM RECONHECIMENTO DE QUE SOMOS DIFERENTES

Trabalho de Conclusão-Artigo de Curso apresentado ao curso de pós-graduação (*lato sensu*), como requisito parcial para a obtenção do título de especialização em Educação do Campo.

JACAREZINHO
2011



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral

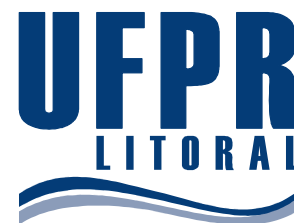


ÁUREA APARECIDA DEL PADRE BIUSO

**A QUESTÃO DA DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM
RECONHECIMENTO DE QUE SOMOS DIFERENTES**



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral



A QUESTÃO DA DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM RECONHECIMENTO DE QUE SOMOS DIFERENTES

Áurea Aparecida Del Padre Biuso¹;

Daniel Canavese².

RESUMO

Fazemos parte de uma sociedade, de uma nação e mesmo assim, possuímos uma cultura diferente. A forma que vivemos, experimentamos os momentos, o dia-a-dia, nos torna um ser único. Na instituição escolar podemos encontrar uma vasta diversidade de cultura e de modo diferentes de vida. Cada aluno traz consigo uma particularidade e fazer ser relevante o seu “eu” permite um alcance de aprendizado significativo. A partir dessas considerações este trabalho teve por objetivo defender a especialidade dos alunos campestres, que são divergentes aos urbanos, necessitando, portanto, de uma educação diferenciada. Utilizando-se da pesquisa bibliográfica, os resultados mostraram que o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem será mais proveitoso e de maior valia. O corpo docente, unidos em traçar metas, alcançar objetivos, planejamentos, metodologias e um currículo convergente aos anseios do corpo discente, que no caso, os alunos campestres, em uma proposta interdisciplinar.

Palavras-chave: campo, educação, interdisciplinaridade, currículo.

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Jacarezinho, e-mail: aureadelpadre@gmail.com

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

1 CONTEXTO

A educação é o fundamento da sociedade, por isso, a escola atual deve ter como objetivo a construção de um cidadão dinâmico e renovador. Como uma instituição de ensino, deve estar condicionada a sociedade em que está inserida. Para que alcance êxito em sua missão precisa identificar as necessidades distintas que possuem os alunos do campo em relação aos alunos urbanos, propondo uma educação que auxilie no desenvolvimento da sua qualidade de vida. Reconhecendo essa diferença e atendendo especificidades do discente campesino, oferecendo um ensino de qualidade, adequado ao modo de vida, pensar e produzir, os mesmos seriam uma ferramenta de evolução nas comunidades campesinas – agricultores, criadores, extrativistas, pescadores, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas, seringueiros e outros. Reconhecendo que os campesinos têm direito a um desenvolvimento diferente do que as da região urbana. Devem ter consciência que dependem do conhecimento científico para desenvolver sua aptidão e construir a sua autonomia, exercendo a democracia.

Gadotti (1992) diz que formar para a democracia é de suma importância, principalmente, para promover melhorias gerais no ensino e aprendizagem. Segundo ele, como a escola deve formar para a cidadania, ela deve dar o exemplo. É um órgão político que está a serviço da comunidade.

A instituição escolar surgiu com o propósito de alfabetizar, educar para o futuro. Apenas, para uma minoria. Segundo Romanelli (2000) essa visão tinha uma razão de ser, dado ao contexto sócio-cultural, o sistema possuía uma ideologia. As camadas dominantes com objetivos e valores próprios organizaram o ensino de uma forma fragmentada, ideal como modelo de educação.

Para Freire (1981), a sociedade alienada não possui consciência da sua existência. A sociedade fechada, quando sofre pressão de fatores externos, se quebra e começam a surgir novos valores. Por isso, a proposta atual de educação

no Brasil é que a escola seja direito de todos, tendo como papel a construção de um ser pensante e transformador, promovendo modificações positivas no setor econômico, político e social.

Se a escola preparar os alunos respeitando o meio em que estão inseridos, o aprendizado terá um significado mais relevante. Conforme Vygotsky (1989), a interação com outros sujeitos dá-se a construção das formas de pensar, por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito. A relação entre homens, mulheres e o mundo é uma relação mediada. O ser humano junto ao meio cria-se, a cultura e a sua história, desenvolve a atividade coletiva, as relações sociais. Ampliando as possibilidades de transformar o meio em que está inserido, sendo assim, um objeto social.

Os alunos do campo, outrora, apresentavam dificuldades em ter acesso à escola, por isso, foram fundadas escolas rurais. A partir dos anos 30, do século XX inicia o desenvolvimento da educação rural. As políticas públicas para a escolarização das populações rurais mostram seu fraco desempenho ou o desinteresse do Estado com respeito à educação rural. Com o aparecimento da indústria e a sua consolidação enquanto processo em alguns países da Europa, começa a ocorrer uma mudança radical no modo pelo quais os vários países buscam sustentação econômica. O processo de industrialização modifica profundamente a estrutura econômico-social dos países, ocorrendo à migração em massa, diminuindo o número de alunos que residiam no campo, dificultando a manutenção das escolas rurais. Por isso, as escolas rurais foram sendo fechadas e os moradores dessas regiões tiveram que buscar educação na cidade. Porém, a educação que lhes foram e lhes são concebida, não incluem o conhecimento rural, muito pelo contrário, algumas vezes eles são desprezados.

A educação no Brasil tem uma concepção de que o conhecimento “universal” é eficaz, e que tem condições de atender a todos. Paulo Freire (1997), dizia que a

escola deveria ensinar os alunos a “ler o mundo”. Imaginava que para isso seria necessário respeitar o contexto cultural e familiar dos estudantes, dando a eles a oportunidade de participar do processo de ensino-aprendizagem, tendo voz ativa e vislumbrando realidades de ensino nos conteúdos trabalhados que tivessem relação direta com o mundo em que estavam inseridos. Mas não percebe que este norte promove a indiferença, ignorando a individualidade. Não podemos analisar a sala de aula como homogênea, como era a escola do passado, tem que projetar uma escola que vê o aluno como um ser único, capaz de transformar o meio, cooperando para o desenvolvimento da sociedade.

Segundo Perrenoud (1999), a sociedade vive em constante mudança e, portanto, faz-se necessário que a escola, como agente ativo na formação do cidadão, acompanhe e até mesmo se antecipe a sua evolução. Precisamos aprender a ensinar em ambientes onde haja pluralidade de realidades e culturas, e ainda assim, formar cidadãos autônomos e conscientes do seu papel numa possível transformação.

O presente trabalho vem ratificar que a escola do século XXI, a escola inclusiva, a escola para todos, necessita de mudanças significativas. Desenvolver no aluno a habilidade de construir o conhecimento, de modificar o mundo. Os professores precisam valorizar mais o conhecimento que cada aluno traz da sua vivência, com um currículo e metodologia apropriados às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural. Com a finalidade de debater e tentar fazer compreender mecanismos e implicações que têm caracterizado as intervenções do Estado e as ações da sociedade civil para a educação dos povos do campo. Analisar os trabalhos que se realizam nas escolas sobre a educação do campo e sua finalidade é informar e esclarecer aos leitores, alunos, tutores e professores a importância de incluir o conhecimento do aluno que vem do campo, dentro do aprendizado escolar, proporcionando um ensino de qualidade.

O que significa um ensino de qualidade? Para a Unesco (2001), “a qualidade se transformou em um conceito dinâmico que deve se adaptar permanentemente a um mundo que experimenta profundas transformações sociais e econômicas. É cada vez mais importante estimular a capacidade de previsão e de antecipação. Os antigos critérios de qualidade já não são suficientes. Apesar das diferenças de contexto, existem muitos elementos comuns na busca de uma educação de qualidade que deveria capacitar a todos, mulheres e homens, para participarem plenamente da vida comunitária e para serem também cidadãos do mundo”.

Considerando que: O que é importante aprender e qual a finalidade desse aprendizado, o professor tem um papel fundamental nesse processo. É necessário que o professor esteja preparado e pronto a modificar metodologias, idéias e desmistificar o medo ao novo, e apenas objetivar o sucesso do aluno.

Por volta dos anos 80 e principio dos anos 90, a Educação Inclusiva surge como um apêndice da Educação Especial, mas a inclusão não limita apenas no acesso das pessoas portadoras de deficiência, mas todos os cidadãos que estão à margem da sociedade.

Para Dutra (2005), a questão da diversidade na escola é um reconhecimento de que somos diferentes e que essa diferença nos faz ser aceitos como somos, com respeito, tolerância em referencia ao outro, conscientizando que todos têm direito a educação. A partir do pensamento de Sanchez (2004), o termo diversidade na atualidade é a expectativa de oferecer educação de qualidade para todos. A diversidade nesse âmbito perpassa pela forma como esta é desenvolvida pelos protagonistas envolvidos.

Estar envolvido significa fazer parte, colaborar, expor seus ideais e experiências. Para Amado e Guittet (1989), afirmam que quando uma pessoa é integrante de um grupo ela traz consigo uma bagagem de conhecimento, informações, opiniões, preconceitos, atitudes, experiências anteriores, gostos,

crenças, valores e estilo comportamental, os pensamentos próprios, a subjetividade. Se tornando individual, no grupo. Como acontecerá o seu relacionamento entre os demais integrantes do grupo, os seus colegas, será a aceitação ou não da sua personalidade.

Promover uma educação de qualidade não é fácil, por que educação é sinônimo de conhecimento, portanto não tem barreira, não possui limites, e acontece em um processo que envolve o desenvolvimento da capacidade intelectual e moral. Vivemos em uma sociedade democrática, que nos permite a troca de informações e experiências, por isso devemos elaborar o conteúdo a ser ministrado em nossas escolas através de uma triagem que informe o perfil do aluno que fará parte do corpo discente da escola.

Portanto, ao elaborar os conteúdos curriculares é importante se definir o que é relevante que o aluno aprenda e quais serão as especificidades que deverão derivar dos conhecimentos estruturantes de determinada ciência; considerando a realidade dos contextos, valorizando seus saberes a respeito de determinado assunto.

Segundo Vygotski (1989), qualquer situação de aprendizagem que o estudante se depara na escola tem sempre um aprendizado prévio, segundo as necessidades de seu contexto. O ensino escolar é sistematizado, mas não é o único fator de diferenciação do cotidiano. De acordo com as palavras de Brandão (1985): “Não há uma forma única nem um único modelo de educação;”

Não deve se preocupar apenas com o que está no livro didático, mas fazer uso deste conteúdo, utilizando uma didática e adaptando-o no cotidiano do aluno. Promover um aprendizado, transformando a prática científica voltada para a aplicação em prol da sociedade, a capacidade de participação, o entendimento da aula, não apenas como discurso ou como “objetivo” que consta dos planejamentos anuais como algo a se realizar. Precisam ir além do acesso ao conhecimento,

promovendo de forma clara e consistente também a compreensão e, em especial, a utilização destes saberes em suas vidas. Eisner, considera o currículo implícito aquele que ela ensina devido à espécie de lugar que é.

Para Gadotti (1994), equidade em educação significa igualdade de oportunidade para todos poderem desenvolver suas potencialidades. O preconceito social e cultural em suas diversas manifestações é uma realidade em nossa sociedade. E, ser diferente em qualquer aspecto, rotula o indivíduo e o conduz, muitas vezes, ao ridículo perante aos outros componentes do grupo. Gadotti afirma ainda que, a diversidade é a riqueza da humanidade.

Luckesi (2003) acusa o próprio sistema de ensino - com base em estatísticas e dados educacionais - de não estar comprometido com o desenvolvimento dos alunos, tomados sob o ponto de vista da coletividade. Sabendo-se que, tanto do ponto de vista do sistema educativo (governos federal, estadual e municipal) quanto do educador é preciso estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva individual e coletivamente.

É por esta razão que Gimonet (1998) considera que uma verdadeira alternância não sobrevive sem uma abertura da escola para o mundo exterior, orientada pela busca permanente para incorporar no processo de formação dos alunos os conhecimentos historicamente criados nas lutas e vivências das famílias, de suas organizações e de seus movimentos.

Para Scotti (1999), “a educação deve ser, por princípio liberal, democrática e não doutrinária. Dentro desta concepção o educando é, acima de tudo, digno de respeito e do direito à educação de melhor qualidade”.

De acordo com Silva (2001), para que estas questões passem a ser legítimas, é necessário ir além delas, olhando o currículo não apenas como organização de conteúdo, pois a educação não é neutra em seus valores. “No

currículo há o conflito na compreensão do papel da escola em uma sociedade fragmentada do ponto de vista racial, étnico e lingüístico.

Segundo Silva (2001) o que a escola discute atualmente, por meio de seu currículo, é que “como se organizam os saberes e o conhecimento dentro do espaço para se ter uma educação de qualidade”.

Para Tyler (1959) quatro questões fundamentais devem ser respondidas ao desenvolver-se qualquer currículo ou plano de ensino:

- 1- Que finalidades educativas deve a escola procurar alcançar?
- 2- Que experiências educativas podem ser proporcionadas de modo a alcançar tais finalidades?
- 3- Como podem organizar-se, de modo eficiente, estas experiências educativas?
- 4- Como podemos determinar se aquelas finalidades estão a ser alcançadas?

E qual é o papel do professor perante essa diversidade? Se de fato o objetivo do professor é que o aluno aprenda, planejar aulas é um compromisso com a qualidade de suas ações e garante o sucesso. O planejamento de ensino, portanto, é de suma importância para uma prática eficaz e conseqüentemente para a concretização da aprendizagem do aluno.

Afirma Libâneo (1994), que o planejar das aulas é traçar metas, escolher como será o desenvolver da aula, escolhe métodos e procedimentos didáticos, dar tarefas e exercícios, ter domínio do conteúdo, controlar e avaliar o progresso do aluno, proporcionando um desenvolvimento às capacidades intelectuais dos alunos.

Segundo Vygotsky (1989), a aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. O processo de aprendizagem inclui o

aluno, aquele que aprende, e o professor, aquele que ensina e a relação entre eles. Ele explica esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal (distância entre os níveis de desenvolvimento potencial e nível de desenvolvimento real), um “espaço dinâmico” entre os problemas que aluno pode resolver sozinho (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda do professor, que no caso seria outro sujeito mais capaz, habilitado para o ensino, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial).

O professor em uma proposta interdisciplinar pressupõe a interação, ou seja, a troca e a inter-relação de saberes e não apenas a coexistência ou a justaposição de saberes. Segundo Fazenda (1999), interdisciplinaridade possibilita uma abordagem pragmática em que a ação passa a ser o ponto de convergência entre o fazer e o pensar. Sendo necessário restabelecer a união da ciência com a sabedoria.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A realização deste trabalho teve como instrumento norteador a metodologia da Pesquisa Bibliográfica. O suporte da metodologia de Pesquisa Bibliográfica harmoniza o desenvolvimento do trabalho possibilitando examinar de todo material recolhido, a partir do qual é possível estabelecer um plano de leitura. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática, nos proporcionando conhecimentos e autenticidade na pesquisa

Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica é instrumento teórico, abrangendo a leitura, análise e interpretação de livros, periódicos, textos legais e documentos para analisar a necessidade de considerar o meio que o aluno campesino vive. A pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção do trabalho.

Conforme Salomon (2004), a pesquisa bibliográfica fundamenta-se em conhecimentos proporcionados pela Biblioteconomia e Documentação, entre outras ciências e técnicas empregadas de forma metódica envolvendo a identificação, localização e obtenção da informação, redação do trabalho científico. Esse processo solicita uma busca planejada de informações bibliográficas para elaborar e documentar um trabalho de pesquisa científica.

Buscando com diligência o material alvitre de alguns autores, através da consulta de livros, revistas, textos, documentos e de site na internet abrangendo a leitura, análise e interpretação dos mesmos.

A Internet também é uma fonte de pesquisa extremamente importante para o meio científico. Segundo Severino (2002), A Internet, rede mundial de computadores, tornou-se uma indispensável fonte de pesquisa para os diversos campos de conhecimento. Isso porque representa hoje um extraordinário acervo de dados que está colocado à disposição de todos os interessados, e que pode ser acessado com extrema facilidade.

Na Internet podem-se localizar textos científicos, dissertações e teses disponíveis em diversos Portais ou Bibliotecas Digitais produzidos por Universidades de vários estados brasileiros, com acesso ao texto completo, artigos de periódicos científicos disponíveis em texto completo nos sites de suas próprias editoras e outras informações de interesse do pesquisador, como: informações locais.

Propõe-se um estudo bibliográfico com o intuito de auxiliar na reflexão a respeito da construção do Novo Currículo que atenda as necessidades e nos faça refletir e compreender a possibilidade de fazer uso do dia-a-dia, da vida cotidiana dos camponeses devido a sua vivacidade. Buscar conhecer o dia-a-dia, a vivência, o que faz parte do seu mundo e levar as suas necessidades para dentro da escola, o aluno sentirá que na escola tem espaço para ele, transformando a escola em um

espaço social agradável de frequentar. Considerando que a escola ocupa um 1/3 do dia, e esse tempo precisa ser prazeroso.

A cada momento, cada época, cada tempo a “paisagem” se transforma, a sociedade agrega valores e modelos de vida que a escola não tem apresentado, e como instrumento essencial de transformação, não tem conseguido acompanhar as mudanças. Por estar atada a um modelo de currículo que não atende a subjetividade do aluno.

Através de uma investigação, dinâmica, jogos, de atividades adequadas, o professor poderá recolher dados para elaborar sua aula condizente ao perfil do aluno. Seguindo o protocolo, em ministrar o conteúdo sistêmico da escola atual, o professor poderá fazer uso do cotidiano do aluno adaptando a disciplina a sua vivência.

A proposta do presente trabalho não é implantar no currículo escolar uma disciplina sobre a vida no campo, mas desenvolver um trabalho interdisciplinar sobre todos os fatos da vida no campo, suas atividades, produtividades, situações e condições de vida. A escola precisa estar adaptada ao tipo da clientela que possui. Os alunos do campo vivem de uma forma específica divergente da urbana. Por isso, a escola deve oferecer aos alunos um calendário escolar adequado às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas. O conteúdo curricular, metodologia e didática apropriada a esses alunos. A interdisciplinaridade é o norte do sucesso. O diálogo constante entre os professores de diferentes disciplinas, nos momentos de planejamento, direcionará a elaboração de diferentes atividades.

Uma aula ministrada na mata, na lavoura, na ilha, acampamentos, nos assentamentos, na associação comunitária, na roça, na cooperativa, em tantos lugares, em seqüências de encontros, proporcionará uma gama de atividades. Em matemática pode-se fazer relação com a vida rural. Exercícios com enunciados sobre o dia-a-dia do aluno do campo. Cada série, com exercícios conforme o nível e

o conteúdo. Língua portuguesa, textos com abordagem da vida no campo. Nas ciências naturais trabalhar com a semente, com a matéria prima do campo, com o clima e sua importância e conseqüências.

Necessário é que, o Projeto Político Pedagógico, seja coerente em seus princípios pedagógicos, que cada planejamento de ensino explicita os objetivos, as articulações entre disciplinas, os conceitos e noções a serem desenvolvidas com os alunos.

Com o corpo docente realizando uma prática de ensino planejado, provendo investigação e traçando estratégia o trabalho a ser desenvolvido promoverá o alcance do objetivo, o sucesso do ensino aprendizagem, sem muitas dificuldades.

As disciplinas e seus conteúdos que não forem possíveis estar relacionando ao cotidiano, ao aluno camponês saberá entender que a ciência, que o conhecimento científico tem sua particularidade e que é de suma importância o seu aprendizado. Porém, os que puderem adaptar, o aluno terá a aquisição do conhecimento com mais facilidade.

3 CONSIDERAÇÕES

Com o tempo o mundo mudou, tornou-se mais sofisticado, ganhamos mais conforto material, pelo menos para quem deles pode usufruir. O ser humano da atualidade procura satisfazer seus anseios, sonhos e ser mais prático.

Em uma ótica diferente, a escola como um estabelecimento de ensino que reconhece a “bagagem” de vida que o aluno traz. Neste sentido, é fundamental respeitar o conhecimento, ainda que restrito, do senso comum, promovendo o entrelaçar com os conhecimentos científicos essenciais na ampliação da capacidade de ação das pessoas, na promoção de novas culturas técnicas e na construção de conhecimentos adequados para atingir novos patamares de qualidade de vida.

Despertar o interesse desse aluno pelo ensino-aprendizagem, valorizar os seus conhecimentos, significa reconhecer que estes necessitam ser transformados. As aprendizagens resultantes do diálogo de saberes é que irão produzir respostas (novo conhecimento) aos problemas que a realidade apresenta e aí reside a dimensão educativa do desenvolvimento.

Todo processo requer um objetivo, e esse deve ser muito bem planejado, para que tenha êxito. Por isso, o:

- Projeto Político Pedagógico deve ser muito bem elaborado, com estratégias e direcionamentos que garantem o sucesso;
- Currículo destinado ao atendimento dos que possuem uma vivência diferenciada, com atividades bem escolhidas, analisadas, convergentes a meta;
- Indispensável a escolha da metodologia, visando avaliar as capacidades, potencialidades dos alunos;
- Ensino mais sintonizado, com a interação das disciplinas, a interdisciplinaridade;
- Aulas ministradas, não somente nas salas de aula, da forma tradicional, mas também no campo, na floresta, no mundo real dos camponeses.

Referências

- AMADO, Giles.; GUITTET, Andre. **A Dinâmica da Comunicação nos Grupos**. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.
- CASTAGNA MOLINA, Mônica; AZEVEDO DE JESUS, Sônia Meire Santos. **Por uma educação do Campo**.
- CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M.G.; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. Por uma educação do campo. Petropolis: Vozes, 2004.
- DUTRA, Claudia Pereira. Educar para Diversidade.: material de formação docente / organização : Cynthia Duk. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.
- EISNER, E. W. **The Educational Imagination**: On the design and evaluation of School Programs, New York, Macmillan Publishing Corporation, 1985.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4 ed. Campinas: Papyrus, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- GADOTTI, Moacir. Diversidade cultural e educação para todos. São Paulo, ed. Graal, 1992.
- GADOTTI, Moacir. **Gestão Democrática e Qualidade de Ensino**. 1º Fórum Nacional Desafio da Qualidade Total no Ensino Público. Belo Horizonte, julho 1994.
- GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- GIMONET, J-C. Alterance et relations humaines. Paris: Messonance, Éditions UNMFREO, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 21 ed. SP: Cortez,1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 15ª edição, São Paulo, Cortez, 2003.

ROMANELLI, Otaíza Oliveira. História da Educação no Barsil. 24ªed., Rio de Janeiro: Vozes; 2000.

SEVERINO, AJ. **Metodologia do trabalho científico**. 22ªed rev ampl São Paulo: Cortez; 2002.

SILVA, M. da P. M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo**. São Paulo: Plexus, 2001.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história**. UFPE, Recife, 2000.

TYLER, R.W., **Basic Principles of Curriculum and Instruction**, Chicago, Illinois, The University Chicago Press,1959.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: Interação entre aprendizado e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Ltda. Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).